

Nos artigos da segunda parte, debate-se a respeito dos livros de Luiz Costa Lima (*O Redemunho do Horror*), João Adolfo Hansen (*OO. A Ficção da Literatura*), e Augusto e Haroldo de Campos (*ReVisão de Sousândrade*). Em vez de ler a ficção como se fosse sociologia ou filosofia, lê-se o “como se” ficcional como filosofia de vida e política de utopia para realçar não apenas seus efeitos, mas sua ação com vistas a produzir mudanças e deslocamentos.



Marília Librandi Rocha é professora de Literatura Brasileira no Departamento de Culturas Ibéricas e Latino Americanas da Universidade de Stanford. Lecionou na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, foi editora da revista *Magma* e do Caderno *Floema*. Organizou a antologia *Poemas-Vida* (7Letras, 2008).

Maranhão-Manhattan é bonito, forte e muito, muito mesmo, bem articulado. Principalmente porque não se deixa capturar pelo esoterismo ou pelo exotismo. Fiquei contente em ler – pois você pensa as coisas no aparecer delas, nas suas determinações básicas, fundamentais.

JOÃO ADOLFO HANSEN

Achei muito forte a ideia do escritor que falha, o gênio da província que triunfa ao fracassar, e a ideia tão grandemente promissora de uma verdadeira antropologia da ficção, que seja igualmente uma contra-leitura indígena do conceito de “Brasil” e de tudo o que ali vai agarrado.

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

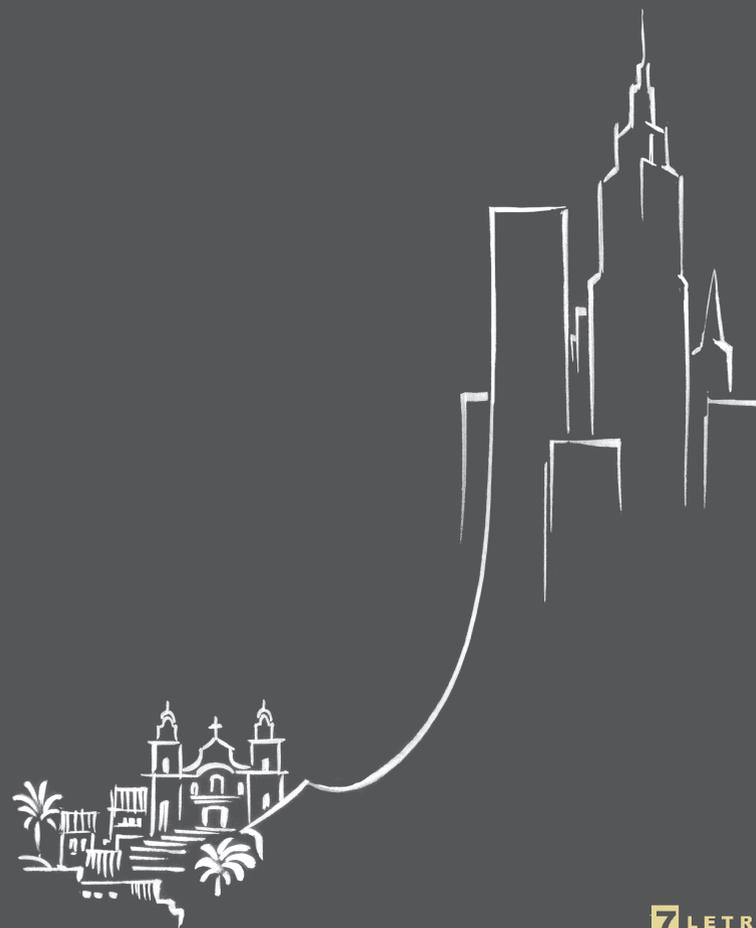
O modo como seu texto elabora as convergências entre Lyotard e o meu próprio trabalho é bonito, convincente e, às vezes, surpreendente quando também sublinha as diferenças. Igualmente convincente (e ainda mais bonito) é o que diz desse realmente forte poema “Algo”.

HANS ULRICH GUMBRECHT

MARANHÃO-MANHATTAN

ensaios de literatura brasileira

Marília Librandi Rocha



7 LETRAS

Os ensaios reunidos em *Maranhão-Manhattan* apresentam uma defesa da ficção, produzida pelos próprios poetas e por críticos literários. O primeiro texto compara “O Inferno de Wall Street”, de Sousândrade, ao livro *Poeta en Nueva York*, de García Lorca, e propõe a ideia de uma “antropologia da ficção” baseada nos conceitos de multinaturalismo e perspectivismo. O segundo ensaio discute o poema “Algo”, de Murilo Mendes, em relação aos conceitos “produção de presença” e “figural”, de modo a descrever a experiência estética como epifania ou ascese.

Em “Outras palavras” discute-se a prosa experimental do romance *Catatau*, apresentando-o como um caso-limite e paradoxal do “estilo tropical”. Dois ensaios analisam a filosofia da ficção produzida por João Guimarães Rosa.

Em “Pirlimpsiquice” mostra-se que Rosa avança a teorização de Derrida a respeito de Artaud, tendo como elo a implosão da metafísica do ponto no teatro. O ensaio a respeito do conto “Desenredo” filia o texto de Rosa ao tratado *Elogio de Helena*, de Górgias.

Marília Librandi Rocha
MARANHÃO – MANHATTAN
ensaios de literatura brasileira

Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
186p. www.7letras.com.br | editora@7letras.com.br
ISBN 978-85-7577-618-6

sumário

agradecimentos.....	11
referência dos textos.....	15
apresentação.....	17

PARTE I • ficção e filosofia

Maranhão – Manhattan: uma ponte entre nós. Uma visão dissonante da literatura e da cultura brasileiras.....	.21
Derivas a partir de Gumbrecht, Lyotard e Murilo Mendes: Os conceitos “figural”, “presença” e o poema “Algo”.....	61
Leminski versus Descartes. Outras palavras.....	83
“Pirlimpsiquice” e o teatro impossível de teatro.....	101
De Guimarães a Górgias. A trama do desejo em “Desenredo”.....	115

PARTE II • entre livros

Nomear o inominável: a literatura em tempos de cólera.....	147
Os avessos da fala.....	165
O “caso” Sousândrade na história literária brasileira.....	173